

A INTERAÇÃO CRIANÇA/OBJETO DE TRANSIÇÃO NO MOMENTO DA SESTA: UMA EXPERIÊNCIA EM CRECHE

Tatiana Santos Henriques

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria
tati_s_henriques@hotmail.com

Isabel Simões Dias

Departamento de Comunicação, Educação e Psicologia da Escola Superior de Educação e
Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria
isabel.dias@ipleiria.pt

Resumo

O presente trabalho apresenta o ensaio investigativo realizado no âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância - Creche (Mestrado em Educação Pré-Escolar do Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais) no ano letivo 2014/2015 realizado pela primeira autora. Valorizando o objeto de transição como promotor do conforto/bem estar da criança, este estudo visa identificar e descrever as interação de duas crianças de 15 meses com o(s) seu(s) objeto(s) de transição (fralda e chupeta) no momento da sesta, em contexto de creche.

Adotando uma metodologia qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, recorreu-se à observação direta através da gravação vídeo para recolher os dados. Os resultados advindos da análise de conteúdo revelaram que as crianças em estudo interagiram predominantemente com os seus objetos de transição não-verbalmente (através tato, do paladar e do olhar) ainda que se tenham encontrado evidências de interação com o(s) objeto(s) de transição através de sons indefinidos. Estes resultados reforçam a ideia da criança pequena como um ser competente, como alguém que encontra formas diversificadas de interação com os objetos para se situar no mundo que a rodeia e corroboram a conceção do objeto de transição como fonte de segurança, proteção e conforto no momento da sesta.

Palavras-chave: Criança; Objeto de transição; Interação.



Abstract

This paper presents the study carried out within the scope of the curricular unit of Pedagogical Practice in Childhood Education – Nursery (Master in Pre-School Education of the Polytechnic Institute of Leiria / School of Education and Social Sciences) in the academic year 2014/2015 carried out by the first author. Valuing the transition object as a promoter of child comfort / well-being, this study aims to identify and describe the interaction of two 15-month-old children with their transitional object (s) (diaper and baby pacifier) at the nap time, in daycare context.

Assuming a qualitative, descriptive and exploratory methodology, we used direct observation through the video recording to collect the data. The results of the content analysis revealed that the participants interacted predominantly non-verbally with their transitional objects (through touch, palate and gaze) although evidence of interaction through indefinite sounds has been found. These results reinforce the idea of the small child as a competent being, as someone who finds diversified forms of interaction with objects to situate themselves in the world that surrounds them and corroborate the idea of the transitional object as a source of safety, protection and comfort in the nap time.

Keywords: Child; Transitional object; Interaction.

Introdução

De acordo com Bee e Boyd (2011) e Palangana (2001), no estágio sensório-motor (dos 0 aos 24 meses), a criança desenvolve a capacidade de distinguir o que é dela e o que é dos outros, adquirindo a compreensão de que o objeto se conserva mesmo quando não está ao alcance da sua visão. Ainda que vá aprimorando a sua capacidade de pensar sobre o objeto mesmo quando não o consegue visualizar, a criança necessita de o experimentar (seja através da interação ou da observação) para o assimilar e integrar em novos esquemas de ação. Conforme Fonseca (2008, p. 83), este processo de conhecimento sensorial e motor revela-se como um “(...) processo indispensável para que a criança possua o seu conhecimento e compreenda a sua função” no mundo em que está inserida.

A criança conhece o(s) objeto(s) usando o corpo, manipulando-os, agarrando-os, cheirando-os, levando-os à boca, observando-os através dos sentidos (Dias & Correia,



2012). Para Wilson e Hockenberry (2014, p.182), “as crianças de 1 a 3 anos inspecionam visualmente um objeto virando-o, elas podem colocá-lo na boca, cheirá-lo e tocá-lo várias vezes antes de se sentirem satisfeitas com a exploração.” As crescentes habilidades motoras da criança vão-lhe permitindo produzir e reproduzir gestos observados e as suas capacidades perceptivas vão consentindo a emergência de padrões de expressão (verbal e não-verbal) que lhe possibilitam ser compreendida pelos outros.

Descobrimo os objetos através dos cinco sentidos, a criança desvenda as suas propriedades e dá-lhes significado, situando-se no seu mundo físico e social (Dias, Correia & Marcelino, 2013; Dias & Correia, 2012). O tato será o sentido mais utilizado pela criança para explorar o seu mundo, podendo surgir associado a todos os outros sentidos (Montagu, 1988). Através da visão, a criança segue objetos, agarrando-os para os manipular e apreender as suas propriedades, ajudando o adulto a identificar os seus objetos de interesse (Muniz, 2012; Brock, Dodds, Jarvis & Olusoga, 2011; Davis, 1979).

Wilson e Hockenberry (2014) defendem que a criança até aos 3 anos se socorre do olfato e do paladar para relembrar situações já vividas, colocando na boca os objetos para satisfazer a sua necessidade exploratória e sentir as suas características (Nascimento, 2007). Para Zorzi e Starling (2010), o paladar permite à criança distinguir o sabor das substâncias pelo contato com os recetores gustatórios. De acordo com Neto, Gauer e Furtado (2003, p.219) “(...) as crianças que desenvolvem bem a capacidade de comunicação não-verbal são as que se comunicam melhor e compreendem melhor a essência da interação humana”.

Para além da sua capacidade de comunicação não-verbal, a criança interage com os objetos através da fala (Goularte, 2010). Antes da criança ser capaz de articular palavras, “(...) interage vocalmente através de um conjunto de produções sonoras, tais como o choro, o riso, o palreio e a lalação, (...)” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008 p.15) e/ou de sons indefinidos (Azevedo, 1998).

No leque de possíveis objetos de interação da criança pequena, está o objeto de conforto (um cobertor, uma boneca, um animal de peluche, uma peça de roupa). Para Brazelton e Sparrow (2011), este objeto de conforto deve ser suficientemente grande para não ser engolido pela criança e suficientemente pequeno para não a sufocar e/ou estrangular. Dias e Conceição (2014), defendem que este objeto é um qualquer objeto escolhido pela criança (uma almofada, um boneco de peluche, uma fralda ou uma



chupeta) que tem como função transmitir proteção, conforto e segurança. Para Santos (1999), Zatz, Zatz e Halaban (2007) e Hales, Yudofsky e Gabbard (2008), o objeto de conforto/transição capacita a criança para situações precoces de separação, constituindo-se como uma representação simbólica da mãe. Simão (2013), Costa (2011) e Levisky (2000) defendem que o objeto de transição facilita a ligação entre o que é considerado pela criança confortável/familiar (o Eu) e o assustador/não-familiar (o não-Eu).

Usado durante momentos considerados de *stress* (Simão, 2013), o objeto de transição assume um papel de destaque no momento da sesta uma vez que permite à criança sentir-se segura, aceitando este momento de separação da figura de referência com (mais) tranquilidade (Cordeiro, 2010). Induzindo o sono, necessidade biológica e vital, essencial ao desenvolvimento da saúde da criança (Maia & Pinto, 2007), o objeto de transição pode ajudar a criança a aprender a adormecer, passo necessário no caminho para a sua autonomia (Brazelton & Sparrow, 2011).

A chupeta é um dos objetos de transição mais utilizados nos primeiros anos de vida, no entanto, a sua utilização tem suscitado polémica entre os estudiosos. Sudo (2012) defende que o uso abusivo de chupeta é um problema de saúde pública. Sendo um produto industrializado, fabricado com materiais que não apresentam a mesma elasticidade que a pele humana pode levar a criança a adaptar a cavidade oral ao seu formato podendo desencadear deformações com repercussões ao nível do desenvolvimento da fala (Biasotto-Gonzalez, Gonzalez & Tosato, 2005). Por outro lado, Gonsalves (2003) defende que a chupeta deve ser usada antes da criança adormecer, num momento de relaxamento, não devendo ser usada como forma de consolar a criança. Domingues (2011) afirma que as crianças que usam chupeta têm menos risco da síndrome da morte súbita, defendendo o seu uso na sesta para as crianças até um ano de idade (mesmo que sejam pequenas sestas diurnas). Estes dois últimos autores revelam-se favoráveis à utilização da chupeta argumentando que há crianças com necessidade de sucção que devem ser respeitadas.

Valorizando o objeto de transição como indutor do sono e do bem estar da criança, este estudo visa identificar e descrever as formas de interação da criança pequena com o(s) seu(s) objeto(s) de transição no momento da sesta, em contexto de creche.



Metodologia

No âmbito da Prática Pedagógica em Educação de Infância – Creche do Mestrado em Educação Pré-Escolar (Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – IPL/ESECS, ano letivo 2014/2015), realizada numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) da região centro de Portugal, observou-se a existência de objetos de transição no momento da sesta como tranquilizadores e indutores do sono da criança pequena. Face a este dado, procurou-se identificar e descrever as interações de duas crianças com o(s) seu(s) objeto(s) de transição, após se deitarem no catre e até adormecerem, recorrendo-se a uma metodologia qualitativa, descritiva e de índole exploratória.

Participantes

Participaram neste estudo duas crianças, uma criança do género feminino (C.) e uma do sexo masculino (R.), ambos com 15 meses (em outubro de 2014) e ambos pertencentes ao grupo de crianças da sala de 1 e 2 anos de uma creche (IPSS) da região centro de Portugal.

Em termos de desenvolvimento, a C. e o R. interagiam facilmente com os objetos da sala (por exemplo, livros ou legos) e com os adultos presentes na sala de atividades (educadora, auxiliar de ação educativa e duas estagiárias), sorrindo-lhes quando os viam. Exploravam os objetos da sala através dos cinco sentidos (ainda que o sentido mais utilizado fosse o paladar), revelando ter prazer em levar objetos à boca. C. (15 meses) revelava algum equilíbrio quando se deslocava, no entanto, ainda caía muitas vezes. R. (15 meses) subia e descia mesas e cadeiras com facilidade, revelando destreza motora. Em termos linguísticos, a C. e o R. produziam sons indefinidos para se exprimir e comunicar com os outros. Ambos usavam uma chupeta e uma fralda de rosto durante a sesta (C. usava estes objetos apenas para dormir e só ficava tranquila, no catre, quando os tinha junto de si). R., para além de usar estes objetos no momento de adormecer, também usava a chupeta durante os outros momentos da sua rotina na creche.

Instrumentos de recolha e análise de dados

Para a realização deste estudo, optou-se pela observação direta através do registo videográfico. Os dados recolhidos por esta via foram corroborados por notas



de campo.

Os dados recolhidos foram sujeitos a uma análise de conteúdo, numa tentativa de "(...) reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum." (Moraes, 1999, p.8). As categorias de análise definidas foram a interação não-verbal e a interação verbal. Como subcategorias da categoria interação não-verbal, considerou-se a i) interação através do tato; ii) interação através do paladar e iii) interação através do olhar. No que se refere à interação verbal, considerou-se a interação através de sons indefinidos.

No que se refere à interação através do tato, consideraram-se todas as interações da criança com o objeto e todas as interações que o adulto induziu a criança a estabelecer com o objeto (por exemplo, quando o adulto colocava o objeto em contacto com a pele da C. ou do R.). As interações através do paladar incluíram o contato bucal da criança com o objeto (com ou sem a colaboração do adulto) e as interações através do olhar, consideraram as evidências do olhar da criança para com o objeto de transição.

Nas interações através de sons indefinidos, consideraram-se as gargalhadas, as lalações e os palreios sempre que a criança olhava os objetos de transição.

Procedimento

No âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância – Creche do Mestrado em Educação Pré-Escolar (IPL/ESECS), no ano letivo 2014/2015, foi sendo observado que havia crianças que se socorriam dos seus objetos de transição para adormecer e que as interações que realizavam com estes objetos era diversificada. Face a esta situação que nos suscitou curiosidade, definiu-se o âmbito do estudo e definiu-se a metodologia a seguir (objetivos, participantes, instrumentos de recolha e análise de dados e procedimento). Solicitou-se autorização aos pais das crianças participantes e, com a anuência de todos os intervenientes, delineou-se o cronograma de recolha de dados (data e horas): dias 24, 25, 26 de Novembro de 2014 e 1, 2, 3, 9, 10 de Dezembro de 2014, das 12h15 às 12h20, aproximadamente, num total de 8 observações a cada criança. Estes dados, recolhidos através da observação/registo videográfico, foram corroborados com notas de campo.

Após a recolha de dados, em janeiro de 2015, fizeram-se as transcrições dos



vídeos, analisaram-se as notas de campo e, em fevereiro de 2015, iniciou-se a análise dos dados de acordo com as categorias definidas: interação não-verbal (interação através do tato, do paladar, do olhar) e verbal (interação através de sons indefinidos), por dia de observação. Da análise qualitativa dos dados, resultaram frequências e percentagens que nos ajudaram a compreender a problemática em estudo. De referir que os dados foram contabilizados, assumindo-se que a mesma evidência se poderia ajustar a dois tipos de interação distintos (exemplo, "... C. olha para a chupeta, depois na minha direção e emite um som ...", evidencia de uma interação com a chupeta através do olhar e através de sons indefinidos). Organizados os dados, procedeu-se à sua análise e discussão.

Apresentação e discussão dos dados

Os dados recolhidos foram organizados por participante/n.º de observação/data/vídeo e duração (conforme quadro 1) e agrupados de acordo com a tipologia de interação (categorias/subcategorias de análise) de cada um dos participantes com os dois objetos de transição (chupeta e fralda), por dia de observação.

Conforme os dados do Quadro 1, recolheram-se dados através de 16 observações/16 vídeos, 8 vídeos para a criança C. e 8 vídeos para a criança R..Os vídeos do participante C. tiveram uma duração que oscilou entre os 4 minutos e 47 segundos (vídeo 2) e os 9 minutos e 50 segundos (vídeo 8). Os vídeos do participante R. oscilaram entre uma duração de 4 minutos e 9 segundos (vídeo 9) e os 10 minutos (vídeos 13 e 14).

Os dados revelaram que C., no total das 8 observações, interagiu 100 vezes com a fralda e 281 vezes com a chupeta. Já R. interagiu 109 vezes com a fralda e 115 vezes com a chupeta. Esta discrepância de valores poderá ser explicada não só pelas características de desenvolvimento de cada uma das crianças (Dias, Correia & Marcelino, 2013; Cordeiro, 2010), como pelas contingências específicas do momento da sesta nos dias de observação (ver nota de rodapé). Estes totais revelam que as crianças interagiram com dois objetos que elegeram para lhes dar conforto (fralda e a chupeta), ajudando-as a aprender a adormecer e a desenvolver a sua autonomia (Brazelton & Sparrow, 2011; Dias & Conceição, 2014). Sustentam, ainda, a ideia de que estes objetos darão segurança à criança promovendo o seu bem-estar (Gonsalves, 2003; Domingues, 2011).

Quadro 1 – Dados de cada participante por momento de observação¹

Participante C.			
Nº de observações	Dia	Vídeo	Duração
1	14/11/2014	1	8m:44s
2	25/11/2014	2	4m:47s
3	26/11/2014	3	7m:40s
4	1/12/2014	4	5m:12s
5	2/12/2014	5	4m: 25s
6	3/12/2014	6	6m:55s
7	9/12/2014	7	7m:16s
8	10/12/2014	8	9m:50s
Participante R.			
Nº de observações	Dia	Vídeo	Duração
9	24/11/2014	9	4m:09s
10	25/11/2014	10	5m:24s
11	26/11/2014	11	4m:54s
12	1/12/2014	12	8m:33s
13	2/12/2014	13	10m:00s
14	3/12/2014	14	10m:00s
15	9/12/2014	15	6m:52s
16	10/12/2014	16	4m:58s

A título de exemplo apresentam-se e discutem-se os dados relativos ao primeiro dia de observação (24.11.2014) e ao último dia (10.12.2014) de cada um dos participantes.

Os dados da Tabela 1 revelam que a criança C., nestes dois momentos de observação, interagiu 157 vezes com os objetos de transição. Este total corresponde a interações com a fralda através do tato e do olhar (não há qualquer evidência de interação com este objeto através do paladar nem de sons indefinidos) e com a chupeta através do tato, do paladar, do olhar e de sons indefinidos. Destas interações, verificam-se mais evidências de interação com a chupeta do que com a fralda. Das interações analisadas, a interação através do tato foi a mais evidente (30 evidências de interação através do tato/fralda e 71 evidências da interação através do tato/chupeta). Exemplos: “Deixa a fralda caída junto ao corpo (...)” - vídeo 1; “ (...) C.

¹ Considerando que os dados foram recolhidos em contexto de Prática Pedagógica em Educação de Infância - Creche, importa referir que nos dias 24.11.2014, 01, 09.12.2014 e 10.12.2014, a criança C. foi deitada pela estudante/investigadora e nos dias 25.11.2014, 26. 11. 214 e 02.12.2014 e 03.12. 2014, quem deitou a criança C. foi a educadora orientadora. Relativamente à criança R., nos dias 01, 02, 03, 09 e 10 de dezembro de 2014, foi deitada pela estudante/investigadora, mas no dia 24.11.2014 quem a deitou foi a outra estudante presente na sala e nos dias 25.11.2014 e 26. 11. 2014, quem deitou a criança R. foi a educadora orientadora. Estas contingências do próprio contexto deverão ser equacionadas na leitura dos dados.



tira a fralda de cima do peito dela, com a mão esquerda” - vídeo 8); “C. agarra a argola da chupeta com a mão direita e agarra o clip da chupeta com a esquerda” - vídeo 8).

Tabela 1 – Dados da criança C.: interação com os objetos de transição em dois dias de observação

Categoria /subcategoria	Dia observação		Total
	24.11.2014	10.12.2014	
Fralda: interação através do tato	22	8	30
Fralda: interação através do paladar	0	0	0
Fralda: interação através do olhar	1	0	1
Fralda: interação através de sons indefinidos	0	0	0
Chupeta: interação através do tato	20	51	71
Chupeta: interação através do paladar	13	22	35
Chupeta: interação através do olhar	5	12	17
Chupeta: interação através de sons indefinidos	0	3	3
Total	61	96	157

A interação através do paladar surgir apenas com a chupeta (35 evidências). Exemplo: “ (...) morde o clip da chupeta” - vídeo 8). A interação com o olhar foi mais nítida com a chupeta (17 evidências nos dois momentos de observação), apesar de haver uma evidência deste tipo de interação com a fralda. Exemplo: “C. roda o clip da chupeta, com as duas mãos, enquanto olha para ele” - vídeo 8).

Com a chupeta foi, ainda, possível identificar 3 evidências de interação com sons indefinidos. Exemplo: “(...) C. agarra com as duas mãos o clip da chupeta, enquanto olha para a minha direção (esquerda), enquanto sorri e emite sons” - vídeo 8).

Os dados da Tabela 2 mostram que a criança R. interagiu 23 vezes com os objetos nestes dois momentos de observação. Interagiu com a fralda através do tato e de sons indefinidos (não se verificaram evidência de interação com a fralda nem através do paladar nem através do olhar) e com a chupeta através do tato, do paladar, do olhar e de sons indefinidos. Os dados revelam, ainda, um maior número de evidências de interação no último dia de observação (18) quando comparado com o primeiro dia de recolha de dados (5). Do total das evidências, 9 correspondem a interação com a fralda e 14 a interações com a chupeta. Das interações identificadas,



a interação através do tato com a fralda é a que surge mais vezes (8 evidências), seguida da interação com a chupeta através do tato (5 evidências) e do paladar (5 evidências). Exemplos: “R. agarra a fralda com a mão direita, (...)” - vídeo 10; “ R. mexe na argola da chupeta com a mão esquerda, (...) ” - vídeo 9; “R. abraça a fralda, junto da cara, com as duas mãos” - vídeo 16; “R. mete a chupeta na boca, com a mão esquerda (...)” - vídeo 16).

Tabela 2 – Dados da criança R.: interação com os objetos de transição em dois dias de observação

Categoria/subcategoria	Dia observação		Total
	24.11.2014	10.12.2014	
Fralda: interação através do tato	2	6	8
Fralda: interação através do paladar	0	0	0
Fralda: interação através do olhar	0	0	0
Fralda: interação através de sons indefinidos	1	0	1
Chupeta: interação através do tato	4	4	5
Chupeta: interação através do paladar	1	4	5
Chupeta: interação através do olhar	0	2	2
Chupeta: interação através de sons indefinidos	0	2	2
Total	5	18	23

A interação através do olhar apenas surge com a chupeta (exemplo: “R. abre a boca e olha para a chupeta” - vídeo 16), no último dia de observação. A interação através de sons indefinidos surge num total de 3 evidência, uma relativa à fralda e 2 relativas à chupeta. Exemplos: “ R. agarra a fralda com a mão direita, ele faz sons indefinidos” - vídeo 9; “ (...) R. abana a chupeta no ar, com a mão esquerda, e emite sons indefinidos” - vídeo 16).

Comparando os dados de C. e R., verifica-se uma maior quantidade de interações com os objetos de transição por parte de C. (157) quando comparada com R. (23). Esta diferença poder-se-á justificar pelas características de desenvolvimento/aprendizagem de cada uma das criança e pela especificidade do momento (Cordeiro, 2010, Brazelton & Sparrow, 2011). Estes resultados confirmam os dados de Neto e colaboradores (2003) quando defendem que as crianças interagem verbal e não verbalmente com os objetos, nomeadamente com o seu objeto de transição. As crianças em estudo elegeram como objetos de conforto/transição a



fralda e a chupeta, interagindo com eles, fundamentalmente, através do tato (Montagu, 1988; Muniz, 2012) e do paladar. Para Dias e Conceição (2014), a interação através do paladar contribuirá para que a criança se sinta segura e protegida, induzindo-a a revisitar situações já vividas de aconchego e bem-estar. Satisfazendo a sua necessidade de exploração (Nascimento, 2007; Wilson & Hockenberry, 2014), as crianças recorreram à visão para o seguir, o agarrar e para se apropriarem das suas características (Davis, 1979; Brock *et al.*, 2011). Esta exploração vai permitindo à criança compreender a função dos objetos (Fonseca, 2008), levando-a a sentir-se segura no mundo em que está inserida (Cordeiro, 2010) e a desenvolver a sua autonomia (Brazelton & Sparrow, 2011).

Face aos resultados encontrados, pode-se afirmar que as crianças interagiram predominantemente através de interações não-verbais (ainda que se identifiquem evidências de interação através de sons indefinidos), indo ao encontro do que é característico desta faixa etária (Dias *et al.*, 2013; Sim-Sim *et al.*, 2008).

Conclusão

Valorizando o objeto de transição como promotor da segurança e do bem-estar da criança, este estudo identificou e descreveu as interações de duas crianças de 15 meses com os seus objetos de transição (fralda e chupeta). Os resultados revelam o predomínio de interações não-verbais (através do tato, do paladar e do olhar) em detrimento de interações verbais (através de sons indefinidos). Estes resultados reforçam a ideia da criança pequena como um ser competente que encontra formas diversificadas para se conhecer e se situar no mundo que a rodeia e testemunham o papel do objeto de conforto/transição no momento da sesta.

Referências Bibliográficas

- Azevedo, Â. M. (1998). *Desenvolvimento Linguístico da Criança em Idade Pré-Escolar e Estimulação no Contexto Familiar*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Bee, H. & Boyd, D. (2011). *A Criança em Desenvolvimento*, (12.^aEd.). Brasil: artmed.
- Biasotto-Gonzalez, D., Gonzalez, T. & Tosato, J. (2005). Presença de desconforto na articulação temporomandibular relacionada ao uso da chupeta. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, 71(3), 365-368.
- Brazelton, T.B. & Sparrow, J. (2011). *O método Brazelton. A criança e o sono*. Lisboa:



Editorial Presença.

- Brock, A., Doods, S., Jarvis, P. & Olusoga, Y. (Orgs.) (2011). *Brincar: Aprendizagem para a Vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos, (5ª ed)*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Costa, A. (2011). *Adaptação da criança à escola., Estratégias e desafios na Educação-Pré Escolar*. Portugal: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Davis, F. (1979). *A comunicação não-verbal*. São Paulo : Summus.
- Dias, I. & Conceição, S. (2014). O objeto de transição: um estudo em contexto de creche. *Revista zero-a-seis, 16(30)*, 203-216.
- Dias, I.S., Correia, S. & Marcelino, P. (2013). Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. *Revista Eletrónica de Educação*, v. 7, n.º 3, 9-24.
- Dias, I.S. & Correia, S. (2012). Processos de aprendizagem dos 0 aos 3 anos: contributos do sócio-construtivismo. *Revista Iberoamericana de Educación*, n.º 60/1, 1-10.
- Domingues, M. (2011). O uso da chupeta: risco ou benefício? *Revista Nursing* , n.º 270, 8-10.
- Fonseca, V. (2008). *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Gonsalves, P. E. (2003). *Tudo Sobre a Criança: perguntas e respostas*. São Paulo: IBRASA.
- Goularte, R. S. (2010). Interação, interacionismos: situando o interacionismo sociodiscursivo. *II Seminário Nacional de Linguagem, Cultura e educação* (pp. 1-15). Rio Grande.: Anais do II Seminário Nacional de Linguagem.
- Hales, R., Yudofsky, S. & Gabbard, G. O. (2008). *Tratado de Psiquiatria Clínica (5.ªed.)*. Porto Alegre: Artmed.
- Levisky, D. (2000). *Adolescência e Violência, (3ªedição)* . Brasil: Casa do Psicólogo.
- Maia, I. & Pinto, F. (2008). Hábitos de sono. *Nascer e Crescer*, vol. XVII, n.º 1, 9-12.
- Montagu, A. (1988). *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22 (37), 7-32.
- Muniz, I. (2012). *A neurociência e as emoções do ato de aprender : quem não sabe sorrir, dançar e brincar não deve ensinar*. Italuna: Via Litterarum.
- Nascimento, A. B. (2007). Paladar: um sentido enaltecido e condenado. Em A. B. Nascimento, *Comida: prazeres, gozos e transgressões (2 ed.)* (pp. 45-50).



Salvador: EDUFBA.

- Neto, A., Gauer, G. & Furtado, N. (Orgs.) (2003). *Psiquiatria para estudantes de medicina*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Palangana, I. C. (2001). *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky a relevância do social (3.ª Edição)*. São Paulo: Summus.
- Santos, M. (1999). A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.12, n.º 3, 00-00.
- Simão, A. (2013). *O objecto transicional – Uma meta-análise do conceito e uma revisão da literatura*. Portugal: ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da educação.
- Sudo, A. (2012). *Amamentação e uso de mamadeiras e chupetas: o que dizem os estudos qualitativos?* Brasil: Universidade Federal Fluminense-Instituto de Saúde da comunidade.
- Wilson, D. & Hockenberry, M. (2014). *Wong's Fundamentos: Enfermagem Pediátrica (9 ed.)*. Rio Janeiro: Elsevier.
- Zatz, S., Zatz, A., & Halaban, S. (2006). *Brinca comigo!: tudo sobre brincar e os brinquedos*. São Paulo: Marco Zero.
- Zorzi, R. & Starling, I. (2010). *Corpo humano – Órgãos, Sistemas e Funcionamento*. São Paulo: Senac.